

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS  
A GUERRA NO CINEMA (PARTE III): PARA ALÉM DO CAMPO DE BATALHA  
9 e 14 de novembro de 2023

## LA VAQUILLA / 1985

Um filme de Luis García Berlanga

**Realização:** Luis García Berlanga / **Argumento:** Luis García Berlanga, Rafael Azcona / **Fotografia:** Carlos Suárez / **Direcção Artística:** Enrique Alarcón / **Figurinos e Vestuário:** León Revuelta / **Música:** Miguel Asibs Arbó / **Montagem:** José Luis Matesanz / **Interpretação:** Alfredo Landa (Castro), Guillermo Montesinos (Mariano), Santiago Ramos (Nimeño), José Sacristán (Broseta), Carlos Velat (Cura), Eduardo Calvo (o Coronel Republicano), Violeta Cela (Guadalupe), Agustín González (Comandante Nacional), María Luisa Ponte (Juana), Juanjo Puigcorbé (Alferes), Amelia de la Torre (Adela), Carlos Tistancha (Cartuxano), Valeriano Andrés (o Padre), Maria Elena Flores (Vicenta), António Gamero (1º Sargento Nacional), Rafael Hernández (2º Sargento Nacional), Valentín Paredes (Soldado de Calções), Fernando Sancho (o Alcaide), Tomás Zori (Matías), Joan Armengol (Soldado Nacional), Pedro Beltrán (Roque), Luis Ciges (Barbeiro), Ana Gracia (Irmã do Tonto), Sergio Mendizabal (Capelão Castrense), Fernando Sala (Tonto), Francisco Valdivia (Piporra), Adolfo Marsillach (Marquês), Amparo Soler Leal (Encarna).

**Produção:** Incine, Jet Films / **Director de Produção:** Marisol Carnicero / **Produtor Executivo:** Alfredo Matas / **Produtor Delegado:** Benjamín Benhamou / **Cópia:** em 35mm, cor, com legendas em inglês e legendagem electrónica em português / **Duração:** 122 minutos.

---

**La Vaquilla** retoma um projecto de 1956, que recua à guerra civil de 1936... Conheceu vários títulos, como **Tierra de Nadie**, **Fiesta Nacional** ou apenas **Fiesta**, e soube Berlanga que Francisco Franco, tendo-lhe sido contado o argumento por um amigo íntimo, contestou que ainda era muito cedo "para expor o tema numa óptica desapaixonada"... Alguns produtores estrangeiros pretenderam levá-lo por diante, mas surgiram problemas quanto à localização ambiental. Aliás, após a morte do Caudillo e já depois de estabelecida a democracia, quando chegou a altura de concretizar o filme, Berlanga encarou a hipótese de rodar em Portugal.

Mais de quinhentos figurantes e cerca de quarenta actores estiveram empenhados, na que foi publicitada como a mais cara produção espanhola empreendida até hoje. Sem contestar a evidência dos números, Berlanga observa, no entanto, que se trata duma estimativa a considerar em termos relativos – quanto ao modesto desafogo, perante as exigências duma reconstituição histórica sobre incidências da guerra civil... Embora numa visão peculiar como a que nos propõe **La Vaquilla**, em que não se dispara um tiro, apesar do simbólico aparato militar-castrense: alguns camiões, tanques e armamento, o estratégico frente-a-frente das trincheiras republicanas e nacionalistas.

Eficaz é, todavia, o arsenal de humor espoletado pelo argumento de Berlanga e Rafael Azcona, através duma irrisória e risível expedição empreendida ao território dos

adversários. Nessa incursão marcada pelo absurdo de situações e o grotesco dos reflexos de cominação, **La Vaquilla** restitui-nos a comunidade típica do efabulário caprichoso de Berlanga, desde o pretensioso ridículo das *fuerzas vivas* às tensões e bizarros relacionamentos das figuras populares... Ironicamente, o protagonista (precário) do filme acaba por ser a vaca titular – estigma natural dum bestiário implícito em Berlanga (cuja ênfase estaria no burro de **La Muerte y el Leñador/Las Cuatro Verdades** - 1962), mas também símbolo de Espanha em seus rituais de paixão e morte.

Ora, como se refere em **La Vaquilla**, estamos perante o sarcástico paradoxo de duas Espanhas, divididas e confrontadas. Que tudo acabe com o animal em decomposição e pasto dos abutres, na terra-de-ninguém que aquelas extrema, eis um tremendo e virtual epílogo para **La Vaquilla**, quanto aos distintos mas elementares desígnios de ambas as partes em acção – os nacionalistas que entendiam lidá-la na arena, e os republicanos que esperavam por comê-la. Aqui se consuma, também, a sugestiva opinião de Berlanga, segundo quem a ideologia só existe na retaguarda, das frentes de combate, nas quais apenas prevalece a biologia, numa cruel (degradante?) sobrevivência antropofágica.

Daí a latente exposição de **La Vaquilla** – dum contexto vulnerável sob a inversão das ameaças, à transcendência crítica que transparece uma evocação sentimental – a partir dum período determinante da história de Espanha no século XX. Sendo sinuosa e metafórica, a trajectória realizada por Luis Berlanga é, também, insinuante e obsessiva, nos estigmas ou sequelas dum confronto que, conforme exprimiu, “vivi, padeci e sofri. Estive na frente republicana e isso constitui uma experiência indelével”. Alguns dos episódios mais insólitos restituem-nos uma filtragem irónica de tal memória – como o irresistível intercâmbio de tabaco e mortalhas, entre os fantásticos inimigos. Noutros lances, o que cintila é o característico Berlanga – da procissão religiosa ao fogo de artifício... Com **La Vaquilla** – em que as guerras do amor se disputam, afinal, aos amores da guerra – sobressai, expressivamente, o sucesso comercial (já na mira dos dois milhões de espectadores, só em Espanha), a mais justa e gratificante consagração para um cineasta que, pessoalmente, gostaria de “ser invisível para a sociedade”.

J. Matos-Cruz